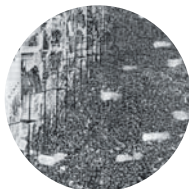


Filmes



“As Caça Revoluções”

De Margarida Rêgo, estreou no Indie em 2014, passou por Cannes, por festivais brasileiros e vai estar numa competição jovem na Holanda. Esta curta-metragem foi o primeiro agenciamento da Portugal Film.



“A Toca do Lobo”

De Catarina Mourão é a primeira longa-metragem agenciada pelo Portugal Film. O filme estreia no festival de Roterdão, com quatro sessões, na secção Spectrum Premieres. A música é de Bruno Pernadas.



Portugal Film. O novo bilhete para um cinema fora de portas

Está criada uma nova agência para a internacionalização de filmes portugueses. A apresentação aconteceu ontem em Lisboa

ANATOMÁS
ana.tomas@ionline.pt

O ano de 2014 foi o segundo melhor da década no que respeita ao número de espectadores que viram cinema português. Segundo os dados revelados na quarta-feira pelo Instituto do Cinema e Audiovisual (ICA), cerca de 571 mil assistiram a produções nacionais (4,7% num total de 12 milhões contabilizados). “Os Maias – Cenas da Vida Romântica”, “Virados do Avesso” e “Os Gatos não Têm Vertigens” foram as produções nacionais mais vistas. Mas esta não é apenas uma tendência de consumo doméstico. A pro-

cura de cinema português em festivais internacionais levou a associação cultural IndieLisboa a criar uma agência de internacionalização do sector, a Portugal Film, apresentada ontem em Lisboa, depois de alguns anos passados a apurar a ideia.

“O projecto já existia, penso que desde 2009, e foi sendo pensado à medida que a necessidade ia surgindo, porque na verdade era um trabalho que o festival IndieLisboa vinha a fazer e que já definia esta necessidade de haver uma espécie de sistematização e de internacionalização do cinema português”, explica Margarida Moz, uma das responsáveis

pela agência. O reconhecimento e os prémios conquistados no estrangeiro por realizadores portugueses foram aumentando a curiosidade em relação ao cinema nacional e as exposições, nos visionamentos promovidos pela associação, de material inédito e em diferente fase de realização ou os contactos com outros programadores foram abrindo portas.

Faltava, contudo, dar continuidade ao caminho iniciado. “Nós percebemos que não era suficiente indicar um filme para um ou outro festival, tinha de haver um acompanhamento diferente. Os realizadores muitas vezes não têm uma estrutura para acompanhar o filme, para o que

vai acontecer a seguir. É um trabalho que tem de ser continuado.” O primeiro passo é a selecção dos sítios onde se pretende mostrar as produções. “A ideia é pegar no filme desde o início e tentar definir uma estratégia em função do próprio filme, e não o mandar para uma série de festivais sem nenhum plano.” Até porque estes, para o circuito independente, surgem quase sempre como a primeira montra. “São momentos em que estão programadores, muitos têm mercado e toda a indústria está lá, estão distribuidores que podem querer comprar os direitos dos filmes.”

ESTRATÉGIA Toda a gestão tem de ser pensada e ponderada, por isso o projecto aposta num catálogo pequeno que permita acompanhar mais de perto os filmes agenciados. Para já, a Portugal Film tem títulos em fase de conclusão e outros terminadas, entre os quais quatro curtas e uma longa-metragem. “A primeira que agenciámos foi a curta ‘A Caça Revoluções’, da Margarida Rêgo, que já fez um belo percurso em festivais. Entre as outras curtas temos uma que estreou no Doc, outra que não estreou, e a nossa primeira longa, que é “A Toca do Lobo”, da Catarina Mourão, com estreia em Roterdão, no Festival Internacional de Cinema que começou esta semana.”

O interesse em torno do cinema português também eleva a fasquia. Se por um lado traz mais visibilidade e espa-



Margarida Moz e
Ana Isabel
Strindberg,
da Portugal Film

JOSÉ FERNANDES

Passos para um filme internacional

SELECÇÃO

O primeiro passo é escolher os festivais onde se vai inscrever um determinado filme. Para isso há que ter em conta o tipo de produção, as datas para inscrição do filme, as condições da passagem da película, como a obrigatoriedade ou não de ser em estreia mundial, a dimensão do festival, o tipo de público e o potencial de projecção do filme no evento.

DEPOIS DA SELECÇÃO

É da medição do impacto e da reacção que o filme tem nos circuitos seleccionados para a sua exibição que se vai definindo o percurso.

DESTINOS

Não há países prioritários para a internacionalização, pelo menos no caso da agência em que o que dita o destino é o tipo de filme e o seu autor. Ainda assim, com a Europa e o Brasil tem havido uma maior proximidade e há certos países que têm maior facilidade em receber filmes portugueses.

PONTOS FORTES DO CINEMA PORTUGUÊS

Para Margarida Moz, “a ideia de produção independente, que não tem muitos meios financeiros, mas que consegue, com essas limitações, fazer filmes que comovem tanta gente e despertam tanta curiosidade”, é um dos aspectos mais valorizados quando se fala em cinema português, lembrando os prémios conquistados pelos realizadores nacionais nos últimos anos.

DESAFIOS

O aumento da curiosidade em relação aos filmes nacionais traz também uma nova atenção às nuances e, com isso, o esforço e a exigência começam a ser maiores. “Há espaço para que apareçam mais filmes, mas a fasquia também vai subindo”.

ço para aparecerem mais produções, por outro sobe o nível de exigência e de esforço. Algo que a agência quer ver reflectido no seu catálogo a par da diversidade de géneros. “Começa a construir-se uma ideia do que será o cinema português, uma coisa de autor, independente. Mas há um misto de querer ver coisas que se identifiquem como cinema português, mas ao mesmo tempo querer ser-se surpreendido por ele. Vamos tentar ter um catálogo que dê conta disso, porque os filmes não são todos iguais. Essa riqueza tem de ser mostrada também.”

Para criar esta agência, o IndieLisboa Associação Cultural candidatou-se a uma linha de financiamento do ICA para a internacionalização do cinema português. À Portugal Film foram entregues 45 mil euros, para sistematizar e autonomizar o trabalho que a associação já desenvolvia. A direcção da agência e da associação são comuns, embora Margarida Moz passe a estar mais centrada na primeira. “A programação é feita por nós e não pelos programadores do Indie, o que quer dizer que os filmes que estão na agência não têm necessariamente de passar pelo festival. A agência vai funcionar a tempo inteiro, trabalhar o ano todo com esse fim e de uma forma independente.” Nos próximos meses, a Portugal Film estará presente nos festivais de Berlim e de Clermont-Ferrand.



FUTUDOLOGIA
POR ANA MARKL

Errata da Memória

Alguém que considere dedicar-se ao exercício da futudologia (ciência dos bitates sobre o futuro de todas as coisas), deve começar por estudar afinadamente a sua relação com o passado – porque o presente, lá está, é o futuro desse tempo.

Para quem cresceu na era dos rolos, talvez a forma mais imediata de proceder a esta reflexão seja percorrendo os álbuns de fotos da infância. De que forma nos relacionamos hoje com aquele momento congelado no tempo? Pensando melhor: não seria mais elucidativo termos antes acesso aos momen-

tos exactamente antes e exactamente depois daquela pose forjada para uma única oportunidade de posteridade? É que os rolos até podiam ter 12, 24 ou 36 fotos, mas ninguém andava a desbaratar como na era digital.

Há dias, encontrei algumas fotos perdidas da minha infância. Achei-as enternecedoras. Mostrei a amigos e eles, que gostam de mim, acharam o mesmo. Vocês que estão a ler, se estão a perder tempo com isto, é porque talvez sintam um pouco de empatia, logo talvez achem esta foto bonita:



●●● Eu, o mar, um colchão a flutuar, um molho de algas que parecem deliciosos fios de ovos, um barquito ao fundo. Estou a sorrir para o horizonte e é isto que se sabe desta foto. O que não se sabe: o meu cabelo estava muito curto porque

a minha avó decidira que, se eu cortasse à rapaz, iria crescer mais forte. Isso valeu-me uma série de constrangimentos (“não, esta casa de banho é das raparigas”). Além disso, gosto muito de praia mas tenho medo do mar, pânico de ficar sem pé, sempre tive. Terei provavelmente sido depositada naquele colchão contrariada mas, como gosto de agradar e tendo a parecer normal, sorri – ainda que mantendo uma rigidez esfíngica para não virar aquela coisa.

Vejam agora esta colorida memória da sala de aula na primeira classe:



Há dias encontrei algumas fotos da minha infância. Achei-as enternecedoras e alguns amigos também

●●● No centro da foto, talvez denotando algum carisma e popularidade, a pequena Ana Markl exhibe um rasgado sorriso. Basicamente, é isto que se sabe sobre mim a partir desta foto. O que não se sabe: a professora deste ano lectivo fartava-se de arrear nos putos e eu, que até era boa aluna e bem comportada, cheguei a levar por tabela durante um raid de chapadas. Além disso, ali ao lado, estava a rapariga que viria a roubar-me o lanche

e a ser uma bully movida por um amor-ódio algo doentio.

Pessoal, esqueçam as cãibras nos maxilares, a duckface sexy, a cara de muitos amigos nas vossas selfies. A verdade está no momento em que se desfaz a pose e é bastante provável que, tal como aconteceu comigo, o vosso futuro venha a trazê-la ao de cima.

Guionista, apresentadora e porteira do futuro
Escreve à sexta e ao sábado